

Problem-Based Learning: Uma Análise das Competências Desenvolvidas e Dificuldades Encontradas sob a Ótica dos Discentes de Contabilidade

CARITSA SCARTATY MOREIRA

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

JOCYKLEBER MEIRELES DE SOUZA

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

ANEIDE OLIVEIRA ARAÚJO

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

YURI GOMES PAIVA AZEVEDO

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Resumo

Esta pesquisa tem por objetivo analisar as competências desenvolvidas e dificuldades encontradas na aplicação do *Problem-Based Learning* (PBL) sob a ótica dos discentes da disciplina do curso de Ciências Contábeis da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). A unidade de análise é composta por 59 alunos matriculados na disciplina Controladoria Empresarial, sendo 19 alunos do turno matutino e 40 alunos do turno noturno. A estratégia metodológica teve por base o estudo de caso com análises qualitativas, utilizando-se de questionário composto por perguntas abertas como instrumento de coleta de dados. Após a aplicação do questionário, as respostas foram transcritas para um arquivo digital e submetidas a codificação aberta no *software* ATLAS.ti®, a fim de se realizar a análise de conteúdo. Em síntese, os principais resultados evidenciam que os alunos relataram que as competências desenvolvidas por meio do método PBL foram: pensamento crítico, trabalho em equipe, capacidade de compreender e resolver problemas, aprendizagem autônoma, reconhecer diferentes pontos de vista, planejamento, liderança, interdisciplinaridade. Por outro lado, descrevem que sentiram dificuldades em aspectos relacionados à: estrutura física, aversão ao método, estudo autônomo, falta de orientação do tutor, falta de clareza das etapas do PBL, tempo de aplicação, nível de desestruturação do problema e falta de colaboração dos membros. Assim, quanto aos achados, percebe-se que durante o processo de aplicação do PBL são encontradas diversas dificuldades que podem se transformar em competências que ajudarão na formação do futuro profissional contábil. Nesse sentido, considera-se que essa reversão de dificuldades em competências, pode ser propiciada por meio da correta orientação do tutor, de boas condições estruturais, de *feedback* contínuo, bem como do enfoque sobre benefícios trazidos pelo PBL para o processo de ensino-aprendizagem.

Palavras chave: *Problem-Based Learning*. Competências. Dificuldades.

1 INTRODUÇÃO

Atualmente, uma série de transformações vem acontecendo no cenário contábil, e isso se deu desde a adoção da Lei 11.638/2007 que impôs alterações significativas na Lei das Sociedades Anônimas no país, e que adotou as normas internacionais de contabilidade (Lindner, Cunha, & Faveri, 2013). Tais mudanças vieram a exigir do contador novas exigências profissionais e sociais para trabalhar nesse novo cenário, tornando necessário alterações no ensino em contabilidade, pois este deve acompanhar as necessidades exigidas pelo mercado (Beck & Rausch, 2012).

Nessa perspectiva, verifica-se que as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de Graduação em Ciências Contábeis, por meio da Resolução CNE/CES nº 10/2004, orienta que o curso de graduação deve possibilitar formação profissional que revele competências e habilidades de desenvolver, analisar e implantar sistemas de informação contábil e de controle gerencial, demonstrando capacidade crítico-analítica para avaliar as implicações organizacionais com a tecnologia da informação.

No entanto, apesar da importância do desenvolvimento de competências como a análise crítica, resolução de problemas, capacidade de trabalhar em grupo, comunicação e liderança, Soares (2008) descreve que, no contexto brasileiro, o curso de Ciências Contábeis tem enfatizado o desenvolvimento do conhecimento técnico do discente, sendo tal atributo não suficiente para a inserção deste profissional no mercado de trabalho.

Nesse contexto, tem-se o *Problem-Based Learning* (PBL), que é um método de ensino-aprendizagem baseado no discente como sujeito ativo, caracterizando-se pela utilização de problemas reais para o desenvolvimento de pensamentos críticos e habilidades respaldadas em conhecimentos técnicos e científicos (Laffin, 2002).

O PBL é baseado no construtivismo, em que o foco do processo de ensino-aprendizagem está no fato do estudante desenvolver uma compreensão mais reflexiva sobre o conteúdo estudado, o que lhes permite desenvolver a capacidade de reaplicar os conteúdos estudados em sala de aula (Savery & Duffy, 1995; Sockalingam & Schmidt, 2011). Assim, pode-se considerar que o PBL permite, aos discentes, o estímulo da sua capacidade de resolução dos problemas advindos da sociedade por meio de seus serviços profissionais, uma vez que traz à sala de aula situações-problemas decorrentes da prática profissional (Ribeiro, 2010).

De acordo com Celestino, Azevedo, Araújo e Silva (2016), o PBL vem ganhando espaço no processo de aprendizagem dos alunos frente às problemáticas relacionadas ao cotidiano profissional, desenvolvendo pensamento reflexivo e obtendo as respostas para os questionamentos. Como o PBL é um método de ensino adicional e não o único a ser utilizado na educação, demonstra relevância pelo seu caráter ativo de aprendizagem, integração de saberes e a busca do conhecimento em geral, o que ultrapassa o caráter informativo do ensino tradicional.

Contudo, por ser uma abordagem diferente da metodologia tradicional, apresenta dificuldades em seu processo de implantação. Diante disso, Ribeiro e Mizukami (2004) descrevem que algumas dessas dificuldades são: a inobservância dos papéis pelos estudantes, participação desigual entre os membros dos grupos, falta de liderança, resistência ao método por parte dos discentes, dificuldades nas atividades extra sala, devido os problemas de mobilidade dos alunos, e ainda, a falta de nivelamento do conteúdo entre os membros.

Considerando a importância do método no processo de ensino-aprendizagem, verifica-se, por meio da revisão da literatura, que diversas pesquisas já foram desenvolvidas sobre o PBL, descrevendo as competências desenvolvidas pelos discentes (Duncan, Smith, & Cook, 2013; Wilkin, 2014), o relato da experiência com a sua aplicação (Stanley & Mansden, 2012; Wilkin, 2017), as estratégias utilizadas (Frezatti & Silva, 2014) e até o processo avaliativo

(Frezatti & Martins, 2016; Frezatti, Borinelli & Espejo, 2016). Porém, com base nas pesquisas anteriores, percebe-se uma lacuna na literatura quanto ao foco nas dificuldades percebidas pelos discentes por meio do referido método.

Assim, ante ao exposto, tem-se o seguinte problema de pesquisa: qual a percepção dos discentes acerca das competências desenvolvidas e dificuldades encontradas na aplicação do PBL como proposta de ensino-aprendizagem? Diante disso, o presente estudo tem por objetivo analisar as competências desenvolvidas e dificuldades encontradas na aplicação do PBL sob a ótica dos discentes da disciplina de controladoria empresarial do curso de Ciências Contábeis da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

O presente estudo justifica-se pela sugestão proposta por Frezatti e Martins (2016), que evidenciam a demanda por estudos que investiguem os benefícios e competências desenvolvidas pelas abordagens que compreendem o PBL no ensino da Contabilidade. A relevância desta pesquisa está em focar, adicionalmente, na percepção das dificuldades encontradas por meio do método PBL sob a ótica dos discentes, uma vez que determinadas as dificuldades na aplicação do método, é possível aprimorar as práticas de ensino-aprendizagem.

Além disso, o estudo também justifica-se pela incipiência de evidências empíricas que demonstrem as dificuldades encontradas pelos discentes, tendo em vista que as pesquisas realizadas por Frezatti e Silva (2014) e Frezatti e Martins (2016) enfatizam as competências desenvolvidas pelo método PBL.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 *Problem-Based Learning* e sua Utilização no Curso de Ciências Contábeis

O PBL é conceituado como uma abordagem metodológica utilizada na sala de aula, que tem como sujeito ativo do processo de ensino aprendizagem o aluno ao invés do professor, caracterizando-se pelo uso de problemas reais da sociedade, uma pergunta, um enigma, que por sua vez são contextualizados com o objeto de estudo, como forma de motivar, direcionar e focar a aprendizagem (Martins & Espejo, 2015; Martins; Espejo, & Frezatti, 2015).

Segundo Celestino et al. (2016), o PBL baseia-se na abordagem construtivista do processo de ensino-aprendizagem, em que o aluno é visto como o centro do conhecimento. Assim, Chahuán-Jiménez (2009) descrevem que o aluno é o sujeito ativo desse processo, ao passo que o docente deve adotar a postura de facilitador, direcionando o aluno a buscar seus conhecimentos.

O processo de ensino aprendizagem baseado no PBL é executado através da integração de três elementos fundamentais: o problema, o aluno e o professor. O primeiro deles, o problema, é chamado de recurso didático a ser utilizado pelo aluno para a busca da solução e que será orientado pelo docente, e ainda é considerado de fim aberto, isto é, não possui uma única e correta solução (Escrivão Filho & Ribeiro 2008; Ribeiro, 2010; Sockalingam e Schmidt, 2011). O segundo, o aluno, é a figura ativa do processo na busca de soluções para o problema proposto (Martins & Espejo, 2015; Martins & Frezatti, 2015), ao passo que o terceiro, o professor, é responsável pela orientação e condução do processo, em que delega autoridade com responsabilidade para os discentes para que estes busquem a resolução do caso e estabelecendo o diálogo entre as partes envolvidas como uma forma de facilitar o processo (Ribeiro, 2010).

Em relação ao processo de implementação do PBL, Wood (2003) afirma que deve-se seguir uma sequência de sete passos bem definidos e estruturados acerca do problema proposto. O primeiro deles consiste em identificar e esclarecer os termos desconhecidos; no segundo tem-se a definição do problema; o terceiro realiza-se a sessão de *brainstorming*; no quarto são revistos os segundo e terceiro passos; na quinta etapa os objetivos de aprendizagem

são reformulados; no sexto é realizado o estudo individualizado; e no sétimo e último, apresentação a resolução do problema.

Além disso, de acordo com Ribeiro (2010) o processo de transição do sistema convencional de ensino para o PBL pode ocorrer de quatro formas diferentes, podendo ser utilizado em todo o componente curricular (como originalmente concebido), híbrido (aplicado em um de dois segmentos paralelos de um mesmo currículo), parcial (utilizado em uma ou mais disciplinas de um currículo convencional) ou *post-holding* (aplicado em determinados momentos de uma disciplina baseada em aulas expositivas).

Como em toda metodologia de ensino a ser aplicada, o PBL tem suas vantagens e desafios ou limitações. Quanto as vantagens, Ribeiro (2010) evidencia que essas geralmente estão relacionadas ao favorecimento de aquisições de conhecimentos e habilidades que sejam mais duradouras e úteis ao processo de profissionalização dos alunos.

Complementando a defesa do uso bem-sucedido do PBL, verifica-se que o método permite desenvolver habilidades para a resolução de problemas desestruturados, a partir de conhecimentos interdisciplinares, com base em uma visão holística sobre a temática, além de possibilitar ao ensino contábil uma aprendizagem voltada a organização de informações, uma vez que estas são localizadas, obtidas e integradas a outros conhecimentos para a resolução dos problemas propostos (Tan, 2007; Stanley & Marsden, 2012).

Um dos grandes desafios do PBL é a mudança da figura do professor de personagem principal para orientador, facilitador ou tutor do processo de ensino aprendizagem, já que o aluno é a principal figura ativa. Os docentes incentivam os alunos a tomarem iniciativa para a resolução da situação-problema disposta, delegando autoridade com responsabilidade para que estes desenvolvam suas habilidades críticas.

Por outro lado, tem-se a resistência por parte dos alunos, que comumente não estão habituados a terem participação ativa na sala de aula, reflexo esse das metodologias tradicionais que acabam por influenciar no processo de implantação de uma metodologia ativa de ensino (Hmelo-Silver, 2004; Ribeiro, 2010; Martins & Espejo, 2015). Ademais, a realização do estudo autogerido e da seleção de informações úteis e relevantes para a resolução do problema, pode tornar os alunos inseguros (Wood, 2003). Determinados alunos de um grupo podem trabalhar em um ritmo diferente dos demais, deixando alguns participantes com dificuldade de acompanhar o ritmo dos estudos (Ribeiro, 2010).

Outro impasse seria a necessidade de um maior corpo docente para o atendimento de todos os grupos de alunos (Wood, 2003). Além disso, a implementação do PBL demanda gastos suplementares para o desenvolvimento de espaços destinados ao trabalho em grupo, com recursos computacionais, audiovisuais e livros disponíveis para pesquisa (Ribeiro, 2010).

Ressalta-se que o processo de implantação do PBL é algo demorado, principalmente na fase de desenvolvimento do método, já que para as ciências sociais, mais especificamente, a contabilidade, o método ainda é incipiente (Stanley & Marsden, 2012; Frezatti et al., 2016).

2.2 Controladoria Empresarial

Em um cenário de constante evolução no mundo dos negócios, desenvolvem-se situações complexas, e cada vez mais são exigidas inovação e estratégias gerenciais por parte das entidades, e mais especificamente, de seus gestores (Burns, Ezzamel, & Scapens, 2003; Ezzamel & Burns, 2005).

Conforme Lunkes, Schnorrenberger, Gasparetto e Vicente (2009), diante desse contexto complexo que demanda melhorias e controle por parte dos gestores, a controladoria passa a exercer um papel fundamental, uma vez que esta derivou das funções básicas da contabilidade e passou para uma ampla função de suporte informacional, controle interno, aspectos tributários, questões orçamentárias e ainda sendo útil na formação de estratégias empresariais.

Como a controladoria integra as demais áreas da organização (Lunkes, Schnorrenberger, Gasparetto, & Vicente 2009) e ajuda a formar o todo, para sua efetivação, necessita de várias informações contábeis, como custos, financeira, gerencial e outras (Boff; Beuren & Guerreiro, 2008). Embora a literatura seja um pouco confusa quanto as funções a serem exercidas pelo profissional de controladoria, as mais citadas são as de planejamento e controle, e a função do próprio controlador, que deve ser proativa na organização (Lunkes et al., 2009).

Nesse mesmo contexto sobre as atribuições do controlador, Borinelli (2006) definiu uma Estrutura Conceitual Básica de Controladoria (EBC) que compreende várias atividades, a saber: contábil, tributária, controles internos, finanças, gerencial, gestão da informação e outras. Ainda de acordo com o autor, as atribuições da controladoria podem sofrer alterações na forma como são desenvolvidas e organizadas, já que depende da entidade, e não no rol de funções que se tem a desenvolver.

Quanto as atividades do controlador ou *controller*, ou seja, o responsável pelo órgão de controladoria de uma entidade, que dentre suas atribuições está a de conhecer de forma integrada toda a organização, bem como como todos os departamentos, uma vez que o sucesso da organização é o conjunto de todos as áreas individualmente. Assim, a controladoria implica em mediar os objetivos organizacionais globais e os das áreas de responsabilidade (Boff et al., 2008).

2.3 Estudos na Área

Quanto às pesquisas no cenário internacional, nota-se estudos que discutem o processo avaliativo da metodologia, o *feedback* ao ensinar contabilidade com abordagem em PBL, quais são as estratégias a serem utilizadas para manter o interesse do discente perante a disciplina com aplicação do PBL, além da utilização do PBL nas Instituições de Ensino Superior (IES).

Podendo-se destacar o estudo realizado por Manaf, Ishak e Wan-Hussin (2011), que objetivaram compartilhar as experiências de ensino em um curso de Contabilidade Financeira usando o método do PBL. Como principais resultados, os autores mostraram evidência de superioridade do método em relação ao tradicional, indicando que o método proporcionou benefícios significativos para os alunos em suas habilidades de apresentação, trabalho em equipe e liderança.

Pinheiro, Sarrico e Santiago (2011) objetivaram indagar sobre qual o papel que uma metodologia do tipo PBL tem no desenvolvimento de competências pessoais dos alunos. Como resultados, evidenciaram que os alunos diplomados e docentes descreveram que o PBL contribui para o desenvolvimento de competências pessoais, essencialmente ao nível da utilização de recursos e da construção do conhecimento. Ademais, sustentaram a possibilidade de inserção nas teorias existentes e a lógica do empreendedorismo.

Stanley e Mansden, (2012) investigaram o desenvolvimento e a implementação do PBL. Com base em dados quantitativos e qualitativos coletados de estudantes em sete semestres letivos em uma disciplina de condução e capacitação em contabilidade, concluiu-se a eficácia do PBL, especialmente no desenvolvimento de habilidades de questionamento, trabalho em equipe e resolução de problemas.

Duncan et al. (2013) examinaram o uso do PBL on-line em um grupo de pós-graduação em Ciências Contábeis, apresentando problemas para cada grupo de quatro alunos. Através de entrevistas com os participantes da pesquisa, concluiu-se que o método desenvolveu habilidades relacionadas a avaliação de informações, desenvolvimento de ideias e senso crítico. Entretanto, pôde-se considerar que o ambiente virtual dificultou as discussões entre os alunos.

Wilkin (2014) analisou a implementação do PBL em uma atividade da disciplina sistema da informação contábil em uma pós-graduação em ciências contábeis. Os resultados demonstram um sucesso na implementação do método, tendo em vista que identificou-se melhora na comunicação, avaliação reflexiva, bem como habilidades de pensamento analítico e crítico dos discentes participantes do estudo.

Wilkin (2017) buscou verificar a implementação do PBL em turma de sistemas de informação na graduação em Ciências Contábeis. Através do envolvimento dos alunos com a experiência de aprendizagem, as mudanças curriculares abordadas nas necessidades identificadas para comunicação melhorada, avaliação reflexiva, bem como analítica e habilidades de pensamento crítico em estudantes do ensino superior. Os resultados apontam para uma influência no desempenho acadêmico e reflexão sobre as metodologias empregadas.

Apesar dos estudos no Brasil sobre PBL no ensino em contabilidade serem ainda incipientes, percebe-se que as pesquisas seguem a mesma linha dos trabalhos que vem sendo desenvolvidos no contexto internacional.

Dentre as diversas pesquisas brasileiras que tratam sobre o PBL, tem-se a de Frezatti e Silva (2014), que objetivaram discutir, dentro das perspectivas do PBL, estratégias para manter o interesse dos estudantes perante a disciplina, face à prática *versus* incerteza. A disciplina objeto de pesquisa foi criada especialmente para a implementação do método PBL, e teve como tema norteador: impactos do sistema de informações gerenciais sobre o gerenciamento das organizações.

Dentre os principais resultados, Frezatti e Silva (2014) descrevem que os elementos mais importantes para o sucesso na disciplina são, o leilão de problemas; o critério de definição do líder; o processo de “alocação” de participantes; expansão e redução no tratamento do problema; escolha da empresa pela acessibilidade aos dados; clareza das normas de formatação e estrutura do projeto e relatório final; formas de acesso e estímulo à literatura; aulas expositivas para direcionamento e reforço das atividades; *check-list* das atividades das sessões tutoriais; e *feedback* das socializações, autoavaliação do processo e de aprendizagem.

Frezatti e Martins (2016) objetivaram tratar a questão da customização de técnicas alternativas do PBL nos cursos de graduação e de especialização. Entre os resultados da pesquisa destacou-se que a literatura não é convergente em relação a aspectos estruturais e que a aplicação do PBL não deve ser feita de uma única maneira, mas sim, com formatos diferentes da abordagem do PBL, observando a maturidade dos alunos, a complexidade dos elementos considerados, o tempo disponível para a disciplina e do objetivo em si.

Frezatti et al. (2016) buscou atribuir significado ao conceito final obtido pelo aluno em disciplina ministrada sob a ótica do PBL, considerado a complexidade da perspectiva do CHA (Conhecimentos, Habilidades e Atitudes). Quanto aos achados, percebeu-se que a combinação do CHA não pode ser simplesmente uma soma de elementos, mas sim, sinergicamente, um conjunto que proporciona condições de entender se o aluno, ao final do curso, teve o aprendizado planejado. É importante que o aluno entenda o que significa a nota global da disciplina, bem como as notas de cada elemento do CHA. Assim, o *feedback* contínuo é vital durante todo o desenvolvimento do curso.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A presente pesquisa caracteriza-se como qualitativa quanto a abordagem do problema, descritiva quanto ao objetivo proposto, e ainda, trata-se de um estudo de caso quanto aos procedimentos utilizados.

Para Yin (2010) o estudo de caso é um método que se destaca pela análise em profundidade de um fenômeno em estudo, o que permite um estudo mais minucioso sobre as

São Paulo, 25 a 27 de julho de 2018.

competências desenvolvidas e dificuldades percebidas pelos alunos durante a aplicação do PBL. Porém, Yin (2010) também recomenda que os pesquisadores optem por estudos de casos múltiplos em detrimento de casos únicos, quando possível, tendo em vista que o primeiro tipo propicia resultados mais robustos e menos enviesados. Assim, nesta pesquisa, optou-se por realizar o estudo em duas turmas de graduação do curso de ciências contábeis na terceira unidade da disciplina de controladoria empresarial da UFRN, sendo uma turma matutina e outra noturna, totalizando 59 alunos, sendo 19 discentes pela manhã e 40 à noite, selecionadas pelo critério de acessibilidade.

Além disso, a implementação do PBL nas duas turmas foi do modo *post-holding*, ou seja, a metodologia foi aplicada em determinado momento de uma disciplina que tem por base aulas expositivas (Ribeiro, 2010). Assim, a pesquisa foi realizada na terceira unidade do segundo semestre de 2017 que ocorreu durante os meses de outubro e novembro. Assim, a aplicação do PBL totalizou oito aulas em cada turma, conforme ilustrado pelo fluxo de aulas da Figura 1:

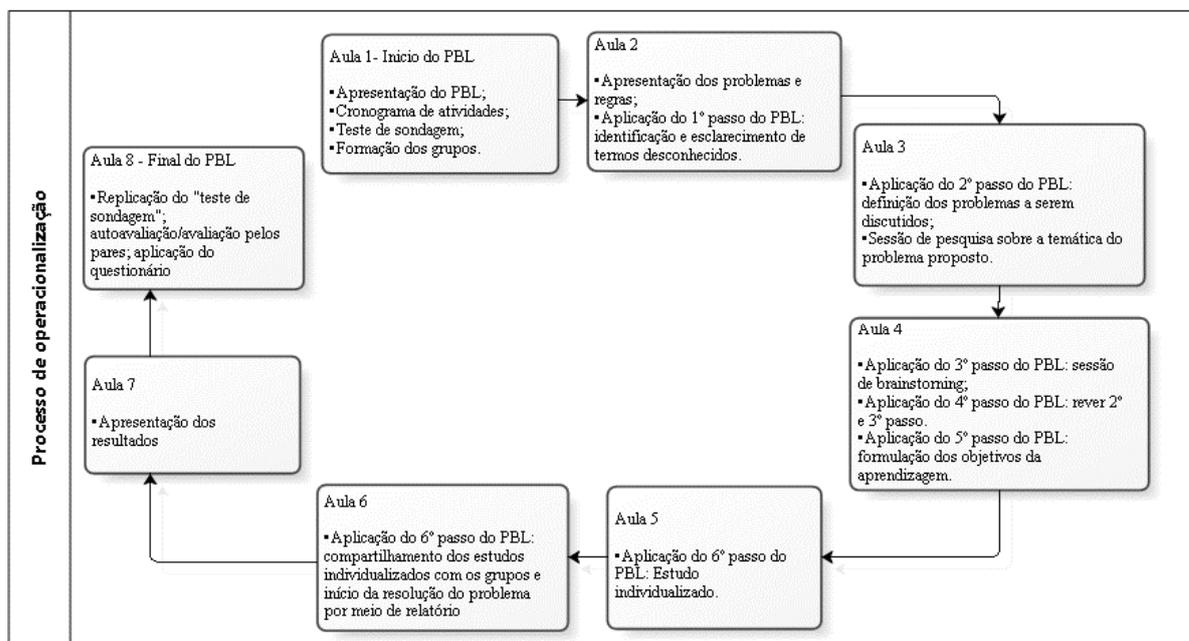


Figura 1 – Aplicação do método PBL.
Fonte: Elaborado pelos autores (2017).

Ressalta-se que anteriormente à aplicação do PBL nas duas turmas de graduação, realizou-se um estudo piloto com uma turma de mestrado em ciências contábeis da UFRN com dez alunos participantes, cujo objetivo foi aprimorar todo o processo de operacionalização do PBL, inclusive o questionário a ser utilizado como instrumento de coleta de dados.

A realização do estudo piloto proporcionou benefícios, como a readequação do tempo distribuído entre as etapas do PBL, a postura dos alunos quanto as dificuldades e competências mais perceptíveis, os aspectos estruturais das salas de aula e equipamentos a serem utilizados, e o próprio questionário a ser respondido pelos alunos, pois através do caso piloto chegou-se ao modelo final, em que as perguntas foram ajustadas de acordo com fragilidades percebidas pelos alunos.

Como o objetivo da pesquisa é identificar as dificuldades percebidas e as competências desenvolvidas pelos discentes durante a aplicação do PBL, utilizou-se de um questionário elaborado com base na literatura, composto por perguntas abertas a serem respondidas pelas

duas turmas de graduação ao final da aplicação do PBL, em que os discentes deviam dissertar sobre as diversas competências desenvolvidas e as várias dificuldades percebidas durante a aplicação do método. Após a aplicação dos questionários aos alunos, os dados primários foram transcritos para um arquivo digital, e após a transcrição adotou-se a técnica de análise de conteúdo, que conforme Bardin (2011) é uma técnica que pode ser utilizada para analisar cada expressão de indivíduo ou um grupo.

Para o processo de identificação das conexões, dos códigos e categorias existentes em cada resposta às perguntas abertas, realizou-se o processo de codificação aberta que, de acordo com Flick (2009), é uma técnica em que os dados são segmentados em unidades de significado.

No presente estudo, o processo de codificação foi realizado no *software* ATLAS.ti®, em que a codificação aberta propiciou segmentar as unidades de significado nos códigos referentes às competências desenvolvidas e às dificuldades percebidas de acordo com o constructo da pesquisa, conforme evidenciado na Tabela 1.

Tabela 1: Constructo da pesquisa.

	Constructo	Autores
Competências	Pensamento crítico	Munro (2009)
	Trabalho em equipe	Ribeiro (2010)
	Capacidade de compreender e resolver problemas	Pinheiro (2008)
	Aprendizagem autônoma	Hmelo-Silver (2004)
	Reconhecer diferentes pontos de vista	Siriwardane, Low e Blietz (2015)
	Planejamento	Schmidt (1983)
	Liderança	Manaf, Aziah e Wan-Hussim, (2011)
	Interdisciplinaridade	Wood (2003)
Dificuldades	Estrutura física	Stanley e Marsden (2012)
	Aversão ao método	Martins e Espejo (2015)
	Estudo autônomo	Wood (2003)
	Falta de orientação do tutor	Frezatti e Silva (2014)
	Falta de clareza das etapas do PBL	Wood (2003)
	Tempo de aplicação	Escrivão Filho e Ribeiro (2008)
	Nível de desestruturação do problema	Ribeiro e Mizukami (2004).
	Falta de colaboração dos membros	Araújo e Arantes (2009)

Fonte: Elaborado pelos autores (2017).

Em relação ao constructo da pesquisa, considera-se validado em virtude do encadeamento de evidências em pesquisas anteriores sobre a temática, conforme demonstrado na Tabela 1, em que cada competência e dificuldade tem sua literatura correspondente.

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Como o PBL trata-se de um processo que envolve trabalho em equipe, aspectos de liderança, retomada de conteúdos anteriores, condições estruturais, tutores e outros elementos, sabe-se que competências serão desenvolvidas e dificuldades serão percebidas pelos alunos durante a aplicação do PBL. Para tanto, com base no questionário composto por perguntas abertas, foi possível verificar a percepção dos discentes sobre as competências e as dificuldades encontradas ao longo do processo de aprendizagem, conforme evidenciado a seguir, na análise de resultados.

4.1 Competências Desenvolvidas

A competência corresponde a um conjunto de capacidades desenvolvidas pelo ser humano que possibilita o alto desempenho em determinada atividade (Fleury & Fleury, 2001). Assim, na área contábil, o PBL busca o desenvolvimento de competências atribuídas a prática contábil, como por exemplo, pensamento crítico, trabalho em equipe, capacidade de compreender e resolver problemas, aprendizagem autônoma, reconhecer diferentes pontos de vista, planejamento, liderança e interdisciplinaridade (Hmelo-Silver, 2004; Manaf et al., 2010; Munro, 2009; Pinheiro, 2010; Ribeiro, 2010; Schmidt, 1983; Siriwardane et al., 2015; Wood, 2003).

Conforme a Figura 2, percebe que o trabalho em equipe é uma competência desenvolvida por parte dos discentes durante a aplicação do PBL. Os alunos descreveram que, por meio do PBL, foi possível perceber a necessidade de trabalhar em equipe, o que antes não era habitual, bem como a importância de serem mais flexíveis com as opiniões dos colegas, embora que divergentes da sua, corroborando, assim, a perspectiva de Ribeiro (2010), que evidencia que o trabalho em grupo possibilita a comunicação entre os alunos, além do desenvolvimento de parcerias entre si, e, nos anos mais avançados, com o corpo docente.

Além disso, a competência do trabalho em equipe é um requisito importante para a profissão do contador, tendo em vista, que este profissional constantemente necessita da ajuda de outros colegas de profissão, sejam porque trabalham em conjunto ou mesmo porque algum possui uma especialização naquele assunto.

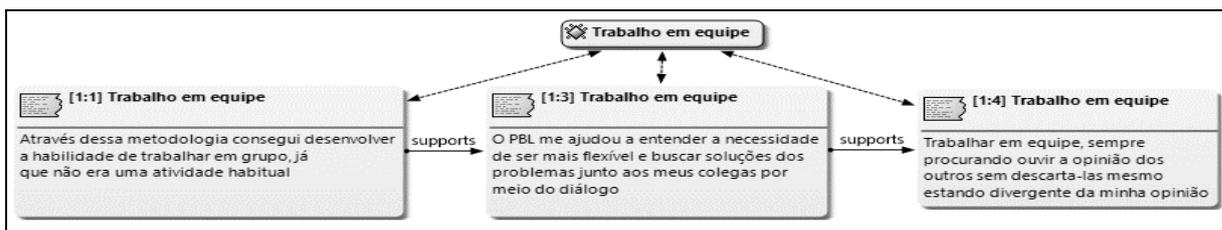


Figura 2 – Trabalho em equipe.
Fonte: Dados da pesquisa (2017)

O pensamento crítico também foi uma das competências desenvolvidas pelos alunos, conforme demonstra a Figura 3. Assim, os discentes conseguiram desenvolver um raciocínio crítico acerca do problema proposto, que é justamente o que demanda o mercado de trabalho dos profissionais contábeis, que para cada problema que surge durante o curso do trabalho tem-se toda uma estratégia de resolução por parte do contador. E isto corrobora com Munro (2009), que afirma que as metodologias ativas auxiliam no desenvolvimento profissional, formando profissionais capazes de auxiliar os gestores em várias áreas da empresa pois as organizações têm exigido profissionais com senso crítico e com conhecimento amplo.

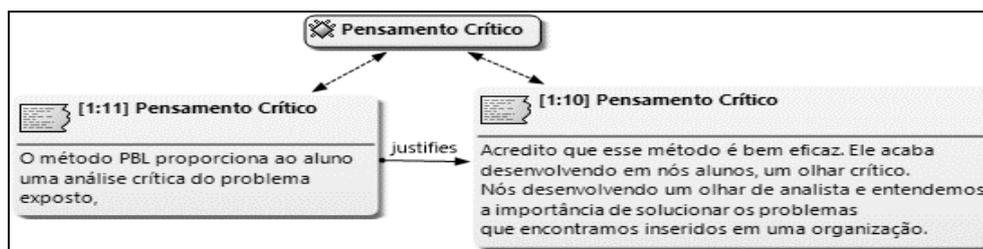


Figura 3 – Pensamento crítico.
Fonte: Dados da pesquisa (2017).

A Liderança é a capacidade de motivar um grupo, influenciando os participantes em relação as suas responsabilidades, a fim de alcançar um objetivo comum (Manaf et al., 2011). Para tanto, através das respostas, os alunos relataram sobre tal competência desenvolvida, descrevendo que a conduta de líder teve que ser assumida em diversos momentos da aplicação do PBL para que pudessem chegar a resolução do problema, coordenando ações, assumindo o controle das tarefas entre os colegas do grupo, conforme demonstrado na Figura 4.

Relacionando ao mercado de trabalho do contador, observa-se a importância do desenvolvimento dessa competência ao longo do processo de formação do profissional, tendo em vista que constantemente o profissional contábil precisa assumir uma postura de orientação em relação aos colegas de trabalho, assumindo o controle das tarefas para que os problemas sejam resolvidos. Corroborando com o definido pelo o International Education Standard (IES 3, 2004) e a International Accounting Education Standard Board (IAESB), estes sugerem que o profissional contábil deve ter a capacidade de liderança dentro da organização.

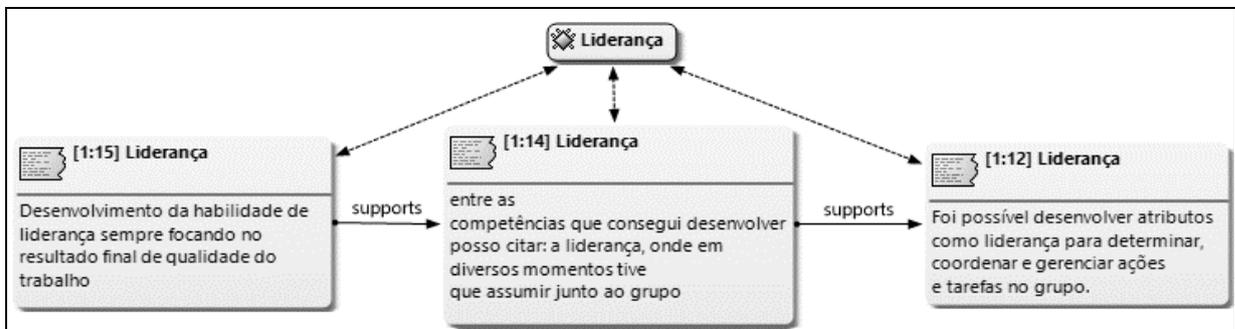


Figura 4 – Liderança.

Fonte: Dados da pesquisa (2017).

Conforme a Figura 5, evidencia-se que a aprendizagem autônoma também foi outra competência listada pelos discentes que foi desenvolvida durante a aplicação do PBL, isto é, pelos relatos, percebe-se que os alunos conseguiram adquirir domínio para buscar o conhecimento sobre determinado assunto e, então, resolver o problema em questão. Nesse sentido, corroborando com Hmelo-Silver (2004), verifica-se que o estudo autônomo proporciona a aprendizagem efetiva, possibilitando o desenvolvimento de estratégias para continuar aprendendo ao longo da vida.

Relacionando ao aspecto profissional do contador, percebe-se que essa profissão demanda também por esse tipo de competência, tendo em vista que nas diversas situações o contador precisa buscar a legislação ou o assunto ligado aquela situação.

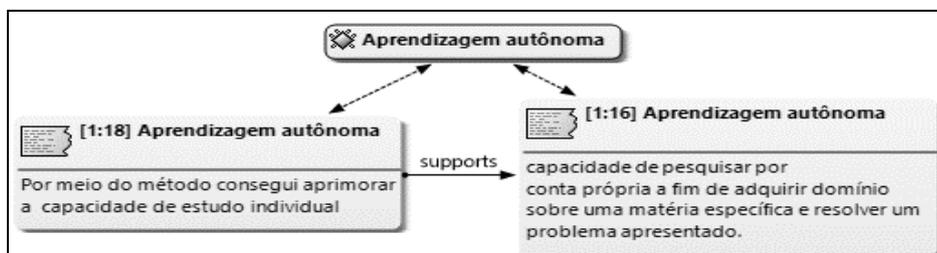


Figura 5 – Aprendizagem autônoma.

Fonte: Dados da pesquisa (2017).

Planejar também é uma competência necessária para o sucesso de uma tarefa ou um trabalho, e para o contador não seria diferente, então, conforme a Figura 6, percebe-se que, por meio do PBL, os alunos conseguiram desenvolver noções de planejamento, uma vez que relatam que o método propiciou controle do tempo, das tarefas, e até das etapas do trabalho para conseguir chegar a resolução do problema. Segundo Schmidt (1983), planejar a execução dos sete passos do PBL são fundamentais para resolução do problema, já que traz um ensaio de orientação para o aluno em sua futura atuação profissional. Essa habilidade deveria ser tratada como gestão do tempo. É bem verdade de que precisa de planejamento de atividades e recursos. Mas o que se fala de planejamento em controladoria é definição de metas, projeções, etc. para atingir os objetivos organizacionais.

Esta competência também corrobora com a formação do profissional contábil que necessita desenvolver essa habilidade ao longo da sua formação, pois é preciso planejar horários, tarefas e prazos e todos os recursos, sejam eles humanos, financeiros ou tecnológicos, para que assim todo o trabalho possa ter eficácia.



Figura 6 – Planejamento.

Fonte: Dados da pesquisa (2017).

Assim, como o PBL desenvolve competências de trabalho em equipe, pensamento crítico e aspectos de liderança, também proporcionou aos alunos a habilidade de reconhecer diferentes pontos de vista, conforme ilustra Figura 7. Os discentes percebem que, por meio do método, conseguem ser mais flexíveis quanto às opiniões formadas sobre uma ideia, e ainda, ouvir os colegas e assim chegar a um consenso sobre as opiniões, de forma a resolver o problema proposto. O profissional contábil é constantemente desafiado em suas atividades, principalmente ao trabalhar em equipe com relação a diversidade de opiniões, em que precisa ter este tipo de competência bem desenvolvida para lidar com as diversas opiniões dos colegas de profissão. Siriwardane et al. (2015) enfatizaram a importância da comunicação entre os profissionais, uma vez que esta habilidade proporciona o reconhecimento de diferentes pontos de vista como sendo fundamental para o êxito do exercício da função.

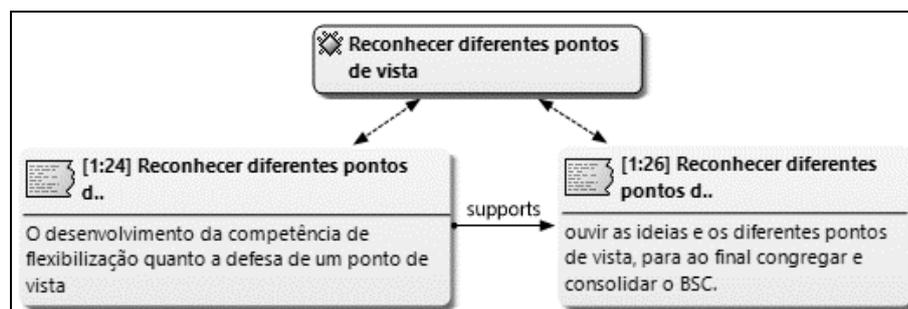


Figura 7 – Reconhecer diferentes pontos de vista.

Fonte: Dados da pesquisa (2017).

A capacidade de compreender e resolver problemas foi outra competência que os discentes descreveram desenvolver através do PBL, conforme demonstra a Figura 8, enfatizando que conseguiram interpretar o problema proposto e, então, enxergar as diversas causas e formas de resolução.

Tal competência se encaixa na rotina do profissional da contabilidade, em que a partir de um cenário empresarial, é necessário identificar os problemas, compreendê-los e, então, encontrar várias maneiras de solução aquela situação. Corroborado por Pinheiro (2008), o PBL proporciona o desenvolvimento da capacidade de resolver problemas, estimulando a capacidade decisória do futuro profissional. Além disso, Freire (2016) diz que o profissional contábil deve estar preparado para resolver problemas complexos, necessitando de uma atenção especial em sua formação.

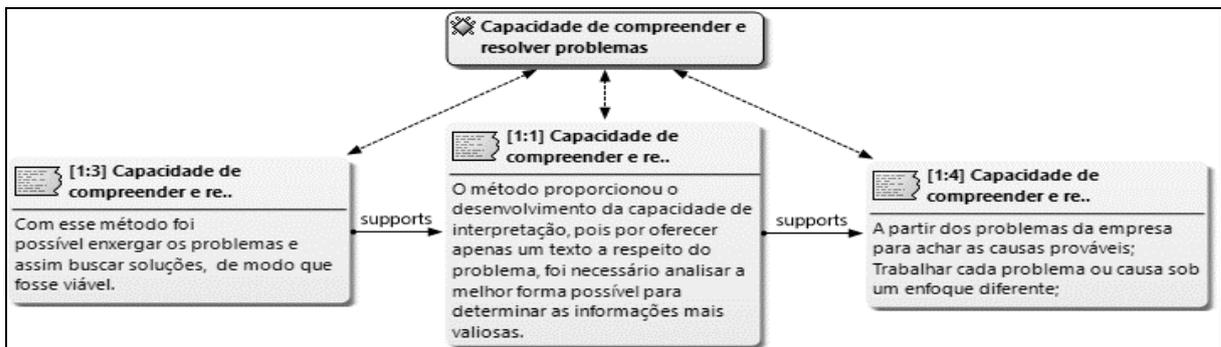


Figura 8 – Capacidade de compreender e resolver problemas.

Fonte: Dados da pesquisa (2017).

Um dos objetivos do PBL é proporcionar a interdisciplinaridade (Wood, 2003), e por meio da experiência desse estudo, os alunos conseguiram desenvolvê-la, conforme Figura 9. Assim, os alunos tanto relembrou conteúdos já estudados anteriormente, quanto compartilharam os conhecimentos entre os colegas do grupo, tendo em vista que nem todos possuem o mesmo nível de conhecimento sobre determinado assunto. E ainda, adaptaram conteúdos ministrados anteriormente para utilizarem na resolução do problema proposto.

Fazendo um paralelo com a profissão contábil, pode-se perceber que esta é uma competência essencial, pois diante da diversidade de situações, o contador não só precisa buscar novos conhecimentos, mas resgatar e saber onde buscar conteúdos que já foram estudados, e então, adaptar a situação do problema em questão e chegar a sua resolução. E assim é estabelecido nas Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de Graduação em Ciências Contábeis por meio da Resolução CNE/CES nº 10/2004, em que o profissional contábil deve demonstrar visão sistêmica e interdisciplinar de toda atividade contábil.



Figura 9 – Interdisciplinaridade.

Fonte: Dados da pesquisa (2017).

Em suma, nota-se que a respostas dos discentes vai ao encontro do que as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de Graduação em Ciências Contábeis por meio da Resolução CNE/CES nº 10/2004, em que esperam que um curso de graduação deve desenvolver no futuro profissional contábil certas competências, como o desenvolvimento do pensamento crítico, capacidade resolver problemas e aprendizagem autônoma. Ainda nesta mesma linha, Frezatti e Silva (2014) afirmam que o PBL proporciona a integração entre a teoria e a prática, possibilitando uma maior aproximação com o contexto profissional.

4.2 Dificuldades Percebidas

Na implementação do PBL, assim como podem ser desenvolvidas competências, também podem surgir algumas dificuldades durante o processo, como por exemplo, a estrutura física, a aversão ao método, o estudo autônomo, falta de orientação do tutor, a falta de clareza das etapas do PBL, o tempo de aplicação, o nível de desestruturação do problema, e falta de colaboração dos membros (Araújo & Arantes, 2009; Escrivão Filho & Ribeiro, 2008; Frezatti & Silva, 2014; Ribeiro & Mizukami, 2004; Stanley & Marsden, 2012; Wood, 2003).

Assim, conforme a Figura 10, percebe-se que os alunos consideraram como uma dificuldade durante a aplicação do PBL a estrutura física, em que não acharam apropriada a sala de aula em que estavam, pois, devido trabalharem em grupos ficava muito barulho na sala, além disso, não tinha mesas e quadros que pudessem utilizar.

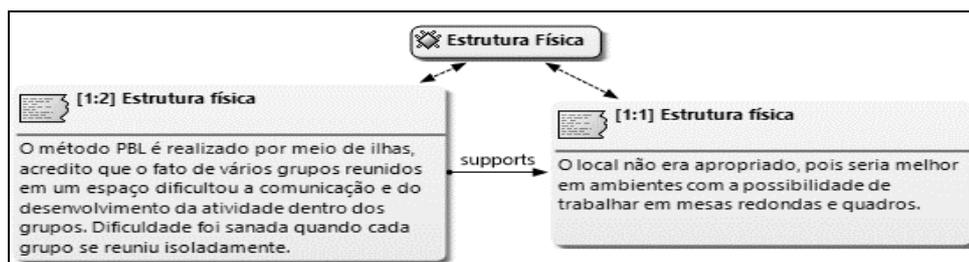


Figura 10 – Estrutura física.

Fonte: Dados da pesquisa (2017).

Corroborando com o enfatizado pelos discentes, Stanley e Marsden (2012) afirmam que as IES precisam apresentar um suporte institucional, com estrutura física e operacional para o desenvolvimento das aulas em PBL, pois as exigências são bastante diferentes do sistema convencional.

Não só a estrutura física, mas também a aversão ao método foi outra dificuldade relatada pelos discentes, conforme ilustrado pela Figura 11. Como se tratou de uma aplicação do tipo post-holding, ou seja, o PBL foi aplicado em um determinado momento de uma disciplina que adota metodologia tradicional (Ribeiro, 2010), então, os alunos sentiram aversão ao terem um contato inicial com o PBL, bem como em relação ao próprio conteúdo que seria aprendido por meio do método.

Segundo Martins e Espejo (2015), a resistência dos alunos ao método ocorre, principalmente, por aqueles que não estão habituados com o processo de autoaprendizagem, pois na metodologia tradicional, estão acostumados em receber o conhecimento pronto. Porém, os alunos ressaltaram que foi uma aversão inicial, mas que com a ajuda dos tutores conseguiram entender o propósito do PBL e conseguir de forma eficaz o objetivo proposto, por isso a importância de um tutor bem preparado para a aplicação do método.

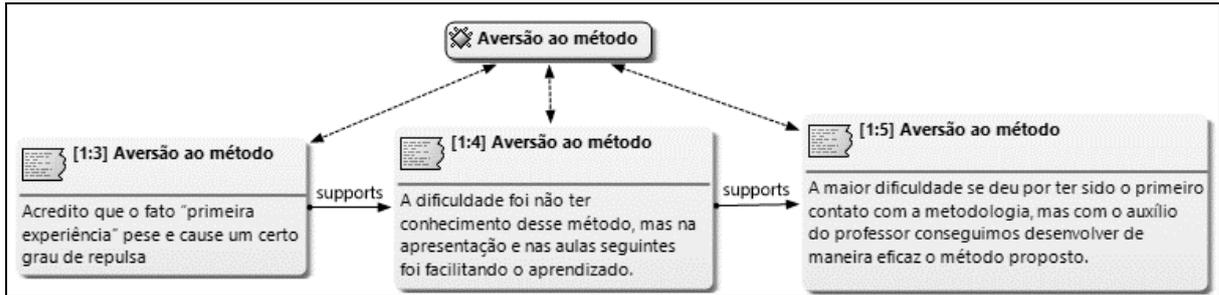


Figura 11 – Aversão ao método.
Fonte: Dados da pesquisa (2017).

A Figura 12 ilustra que o estudo autônomo foi outra dificuldade percebida pelos alunos, pois para desenvolverem a competência da aprendizagem autônoma, primeiro sentiram a dificuldade em ter que buscar o conteúdo sozinho, de não possuírem uma resposta como correta, e de não ter uma aula expositiva, e sim, um tutor apenas para orientá-los. Nesse contexto, Wood (2003) destaca que o estudo autônomo pode fazer com que os alunos se sintam com sobrecarga de informação e inseguros ao selecionar quais seriam as informações úteis e relevantes para resolver o problema.

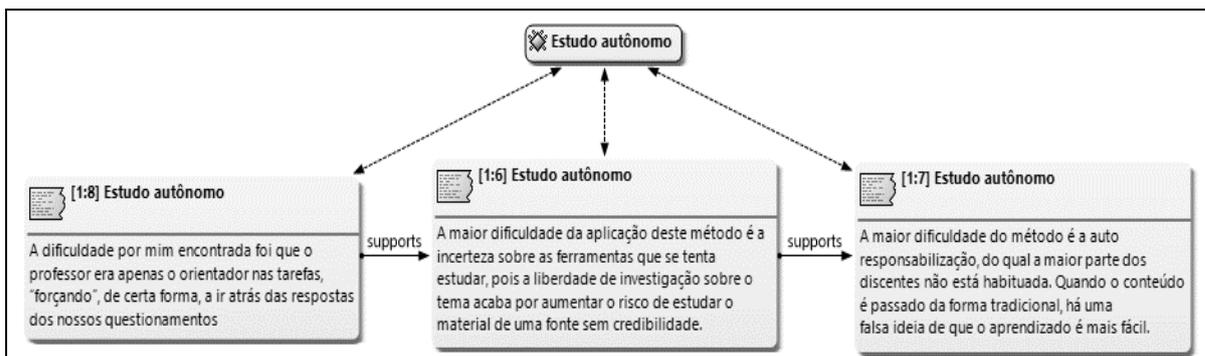


Figura 12 – Estudo autônomo.
Fonte: Dados da pesquisa (2017).

O professor no PBL, na figura de tutor, deixa de ser a figura central no processo de ensino-aprendizagem, passando a auxiliar os alunos a alcançarem seus objetivos, porém sem dar respostas prontas (Wood, 2003). Entretanto, conforme a Figura 13, alguns alunos relataram que a falta de orientação do tutor foi uma dificuldade. Para os alunos faltou uma “figura-guia” durante a aplicação do PBL que intervisse no aprofundamento do conteúdo que estavam buscando ou mesmo corrigindo algumas falhas ou desentendimento por parte deles.

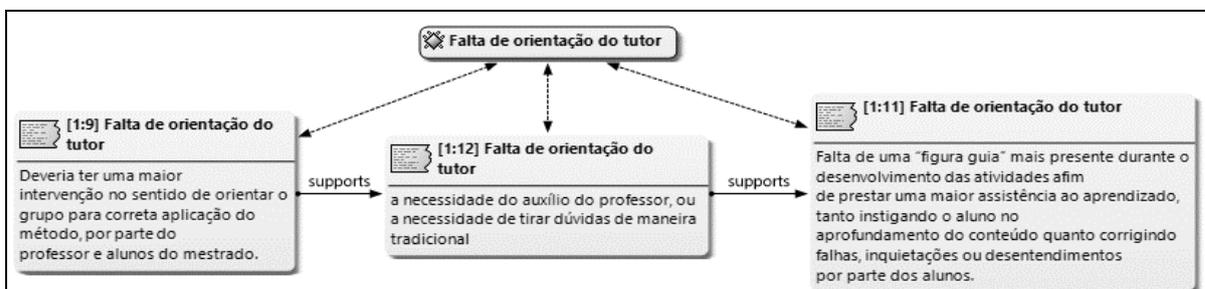


Figura 13 – Falta de orientação do tutor.
Fonte: Dados da pesquisa (2017).

Frezzatti e Silva (2014) ressaltam que a clareza das etapas do PBL é fundamental para qualidade dos resultados do método, entretanto, a sua falta pode gerar alguns problemas, conforme ilustra a Figura 14, e a falta de clareza nas etapas do PBL foi uma delas. Para os discentes, as etapas não ficaram bem definidas e esclarecidas, e com isso, perdiam a noção do que estavam fazendo e se de forma correta.

Quanto a essa incerteza sobre a realização correta durante as etapas do PBL, como se tratava de um aspecto contínuo, nota-se que os alunos sentiram falta de um *feedback* ao longo das etapas, não apenas para o tutor, para que fosse repassado a eles como estavam prosseguindo, e não apenas quando apresentassem a resolução do problema, isto é, ao final da unidade.

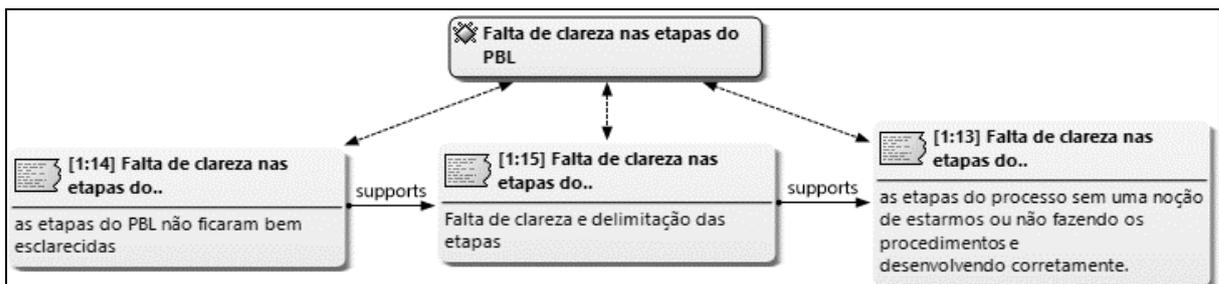


Figura 14 – Falta de clareza nas etapas do PBL.

Fonte: Dados da pesquisa (2017).

Para alguns dos discentes, o tempo de aplicação do PBL foi curto, conforme ilustrado pela Figura 15, e, com isso, consideraram como dificuldade. Assim, para os alunos, deveria ter mais tempo para eles chegarem à resolução do problema, além de considerarem que são necessárias aulas expositivas, e como não tiveram, nota-se que precisaram de mais tempo para utilizarem o PBL, já que o estudo é autônomo.

Desta dificuldade, percebe-se a necessidade do desenvolvimento da competência de planejamento, pois através desta, conseguem definir o tempo para cada etapa, inclusive para suprir as aulas expositivas. Escrivão e Ribeiro (2008) concordam que o PBL exige mais tempo extraclasse aos alunos do que a metodologia tradicional, porém, é importante que mostre ao aluno a importância do método, para que assim percebam que o tempo não é uma dificuldade, mas algo que pode ser bem planejado.



Figura 15 – Tempo de aplicação.

Fonte: Dados da pesquisa (2017).

O problema aplicado em sala de aula não tinha uma única solução e possuía certo nível de desestruturação, tudo no intuito dos alunos desenvolverem competências, como a capacidade de compreender e resolver problemas, por exemplo. Porém, os discentes observaram como sendo uma dificuldade, conforme ilustra a Figura 16, em que relataram que a falta de uma resposta correta para tomarem como base, e o costume de sempre trabalharem com perguntas e respostas fechadas, fez com que eles vissem como uma dificuldade durante a aplicação do novo método. Segundo Ribeiro e Mizukami (2004), a organização dos conteúdos

proporcionados pelo método PBL gera instabilidade na compreensão de estudantes acostumados com métodos mais estruturados e lógicos de ensino.

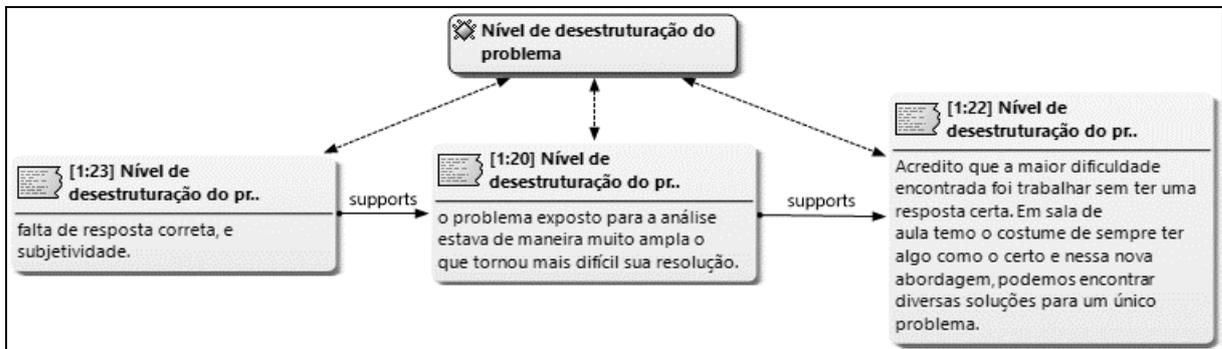


Figura 16 – Nível de desestruturação do problema.
Fonte: Dados da pesquisa (2017).

Como o PBL foi aplicado com a turma dividida em equipes, os alunos sentiram dificuldade quanto à falta de colaboração dos membros do grupo, conforme evidenciado pela Figura 17. De acordo com os discentes, a falta de interesse em resolver o problema proposto, e a falta de comprometimento com as atividades e com os demais colegas do grupo, foram os principais pontos. E como trata-se de um trabalho conjunto, percebe-se que, assim como as demais dificuldades, esta é bem latente, pois aguça outras, como a do planejamento, por exemplo, e assim, dificultando todo o processo de ensino-aprendizagem. Segundo Araújo, Arantes (2009), os alunos não estão acostumados a trabalhar em grupo, pois não é comum da formação profissional no Brasil, por isso as dificuldades relacionadas.



Figura 17 – Falta de colaboração dos membros.
Fonte: Dados da pesquisa (2017).

De modo geral, percebe-se que a maioria das dificuldades, estudo autônomo, falta de orientação do tutor, nível de desestruturação do problema, estão todas relacionadas à segunda delas, a aversão ao método, Figura 11, pois como se tratou de uma aplicação em uma disciplina que era baseada em uma metodologia tradicional, isto é, através de aulas expositivas, tudo que foi novo, os alunos perceberam como uma dificuldade.

Como bem colocado por dois dos relatos da Figura 11, os discentes tiveram essa aversão inicial por se tratar de um novo método, antes não trabalhado, mas que com a ajuda dos tutores essa dificuldade foi sendo sanada, o que é natural, pois passar de uma metodologia tradicional para uma ativa, algo diferente, já causa um certo estranhamento, porém, com as orientações e explicações dos professores, todo o processo pode se tornar eficaz e o que era dificuldade pode ser transformado em uma competência. Revisar redação

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve por objetivo analisar as competências desenvolvidas e dificuldades encontradas na aplicação do PBL sob a ótica dos discentes da disciplina de controladoria empresarial do curso de Ciências Contábeis da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), buscando contribuir com as investigações acerca da implementação das metodologias ativas no ensino de contabilidade.

A fim de alcançar o objetivo proposto, foi implementado o PBL em duas turmas da disciplina de controladoria empresarial da UFRN, sendo uma matutina com 19 alunos e a outra noturna com 40, totalizando 59 discentes. A aplicação do PBL nas duas turmas foi do modo *post-holding*, ou seja, implementada em uma disciplina que tem por base aulas expositivas (Ribeiro, 2010). Para tanto, o PBL foi aplicado na terceira unidade do segundo semestre de 2017, totalizando oito aulas. E, por meio de um questionário com perguntas abertas, foi possível verificar a opinião dos alunos quanto às competências desenvolvidas e dificuldades percebidas.

Quanto às competências, pôde-se notar que através da aplicação do PBL os alunos desenvolveram oito competências, como o pensamento crítico, trabalho em equipe, capacidade de compreender e resolver problemas, aprendizagem autônoma, reconhecimento de diferentes pontos de vista, planejamento, liderança e interdisciplinaridade. Assim, percebe-se que, pelos relatos dos alunos, essas competências dificilmente seriam desenvolvidas através da metodologia tradicional de ensino.

Já em relação às dificuldades percebidas, os alunos destacaram a estrutura física, aversão ao método, estudo autônomo, falta de orientação do tutor, falta de clareza das etapas do PBL, tempo de aplicação, nível de desestruturação do problema e falta de colaboração dos membros.

Porém, observou-se que muitas dessas dificuldades estavam atreladas a uma delas, em que seria a aversão inicial dos alunos ao método, pois como foi a primeira experiência deles com o PBL, estranhar o novo seria uma consequência natural, e então, alguns alunos relataram sentir dificuldades em buscar conteúdo de forma autônoma, não ter aulas expositivas, administrar o tempo e trabalhar com problemas não estruturados e sem ter uma resposta pronta, uma espécie de gabarito, o que seria comum em metodologias tradicionais.

Em geral, pôde-se constatar o desenvolvimento de diversas competências ao longo do PBL, entretanto, para o sucesso e continuidade do método, é preciso analisar as dificuldades encontradas pelos discentes, uma vez que dificuldades podem se tornar competências, e isso pode ser realizado através do *feedback* contínuo entre professores e alunos, a fim de identificar possíveis problemas ao longo da unidade, e não apenas ao final da aplicação do método, como é feito em metodologias tradicionais, como também através de uma orientação mais pontual do tutor, conduzindo os alunos ao longo do PBL, evitando o não-entendimento dos alunos das etapas a serem seguindo no PBL, motivando e enfatizando os benefícios trazidos pela metodologias para o futuro profissional.

Todavia, a pesquisa apresentou algumas limitações como a impossibilidade de realização de entrevistas individuais e da realização de grupos focais com os alunos. Assim, sugere-se para pesquisas futuras, a realização de entrevistas individuais ou de grupos focais ao término da aplicação do PBL para conhecer de forma mais profunda as competências desenvolvidas e as dificuldades que impedem o sucesso do PBL. Como também a aplicação do PBL em outras disciplinas do curso de Ciências Contábeis.

REFERÊNCIAS

- Araújo, J. G. R., Callado, A. L. C., & Cavalcanti, B. S. B. (2014). Habilidades e competências do controller: um estudo com alunos de cursos de pós-graduação em controladoria. *Revista Catarinense da Ciência Contábil*, 13(38), 52-64.
- Araújo, U. F., Arantes, V.A (2009). *Aprendizagem baseada em problemas no ensino superior*. 1. ed. São Paulo: Summus.
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. 1. ed. São Paulo: Almedina.
- Beck, F., & Rausch, R. B. (2012). Fatores que influenciam o processo Ensino-Aprendizagem na percepção de discentes do curso de ciências contábeis. *Contabilidade Vista & Revista*, 25(2), 38-58.
- Boff, M. L., Beuren, I. M., & Guerreiro, R. (2008). Institucionalização de hábitos e rotinas da controladoria em empresas do estado de Santa Catarina. *Organizações & Sociedade*, 15(46), 153-174.
- Borinelli, M. L. (2006). *Estrutura conceitual básica de controladoria: sistematização à luz da teoria e da práxis* (Tese de Doutorado). Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.
- Burns, J., Ezzamel, M., & Scapens, R. (2003). *The challenge of management accounting change: behavioural and cultural aspects of change management*. Oxford: CIMA Publishing/Elsevier.
- Celestino, E. J. M., Azevedo, Y. G. P., Araújo, A. O., & Silva, J. D. G. (2016, Junho). Problem-based-learning (PBL) nos cursos de ciências contábeis das instituições de ensino superior (IES) de Natal/RN. *Anais do Congresso da Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Ciências Contábeis*, Ribeirão Preto, SP, Brasil, 10.
- Chahuán-Jiménez, K. (2009). Evaluación cualitativa y gestión del conocimiento. *Educación y Educadores*. 12(3), 179-195.
- Duncan, M. J., Smith, M., & Cook K. (2013). Implementing online problem based learning (PBL) in postgraduates new to both online learning and PBL: An example from strength and conditioning. *Journal of Hospitality, Leisure, Sport & Tourism Education*, 12, 79-84.
- Flick, U. (2009). *Introdução à pesquisa qualitativa*. 3. ed. Porto Alegre: Artmed.
- Lindner, G, Cunha, P. R., & Faveri, D. B. (2013). Reflexos da Lei nº 11.638/07 nos indicadores contábeis das empresas têxteis listadas na BM&FBovespa. *Revista de Educação e Pesquisa em Contabilidade*, Brasília, 7(2), 112-130.
- Escrivão, E., Fº & Ribeiro, L. R. C. (2008). Inovando no ensino de administração: uma experiência com a Aprendizagem Baseada em Problemas (PBL). *Cadernos EBAPE, número especial*, 1-9.
- Ezzamel, M., & Burns, J. (2005). Professional competition, economic value added, and management control strategies. *Organization Studies*, 26(5), 755-777.

- Fleury, M. T. L., & Fleury, A. (2001). Construindo o conceito de competência. *Revista de administração contemporânea*, 5(Edição Especial), 183-196.
- Freire, T. M. (2017). *Problem based learning: a percepção dos discentes acerca das competências desenvolvidas na disciplina de controladoria empresarial na Universidade Federal do Rio Grande do Norte*. (Dissertação de mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, Brasil.
- Frezatti, F., Borinelli, M. L., Martins, D. B., & Espejo, M. M. S. B. (2016). Análise do desempenho de alunos na perspectiva do “CHA” em disciplina utilizando PBL: o que significa a síntese?. *Revista Contabilidade e Organizações*, 26, 4-19.
- Frezatti, F., & Martins, D. B. (2016). Pbl ou pbl’s: a customização do mecanismo na educação contábil. *Revista de Graduação da USP*, 1(1). 25-34.
- Frezatti, F., & Silva, S. C. (2014). Prática versus incerteza: como gerenciar o estudante nessa tensão na implementação de disciplina sob o prisma do método pbl?. *Revista Universo Contábil*, 10(1), 28-46.
- Hmelo-Silver, C. E. (2004). Problem-based learning: what and how do students learn? *Education Psychology Review*, 16(3), 235-266.
- Laffin, M. (2002). *De contador a professor: a trajetória da docência no ensino superior de contabilidade*. (Tese de doutorado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil.
- Lunkes, R. J., Schnorrenberger, D., Gasparetto, V., & Vicente, E. F. R. (2009). Considerações sobre as funções da controladoria nos Estados Unidos, Alemanha e Brasil. *Revista Universo Contábil*, 5(4), 63-75.
- Manaf, A., Aziah, N., & Wan-Hussin, W. N. (2011). Application of Problem Based Learning (PBL) in a course on financial accounting principles. *Malaysian Journal of Learning and Instruction*, 8, 21-47.
- Martins, D. B., Espejo, M. M. S., & Frezatti, F. (2015). *Problem-Based Learning no Ensino de Contabilidade Gerencial: Relato de uma Experiência Brasileira*. *Revista de Educação e Pesquisa em Contabilidade – Repec*, 9(4), 430-452.
- Martins, D. B., & Espejo, M. S. B. (2015). *Problem Baesd Learning – PBL no Ensino de Contabilidade*. São Paulo: Atlas.
- Munro, C. R. (2009). Mentoring needs and expectations of generation-Y. Human resources practitioners: preparing the next wave of strategic business partners. *Journal of Management Research*, 1(2).
- Pinheiro, M. M., Sarrico, C. S., & Santiago, R. A. (2011). Competências de auto-desenvolvimento e metodologias PBL num curso de contabilidade: perspectivas de alunos, docentes, diplomados e empregadores. *Revista Lusófona de Educação*, 17(17), 147-166.

- Pinheiro, M. M. S. M. (2008). *Metodologias PBL em ambientes simulados no ensino superior profissionalizante*. (Tese de doutorado). Universidade de Aveiro, Portugal.
- Resolução CNE/CSE n10 (2004)*. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Ciências Contábeis, bacharelado, e dá outras providências. Recuperado de http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rces10_04.pdf
- Ribeiro, L. R. C. (2010). *Aprendizagem baseada em problemas (PBL): uma experiência no ensino superior*. São Carlos: UduFSCAR.
- Ribeiro, L. R. C., & Mizukami, M. G. N. (2004). Uma implementação da aprendizagem baseada em problemas (PBL) na pós-graduação em Engenharia sob a ótica dos alunos. *Semina: Ciências Sociais e Humanas*, 25 (1), 89-102.
- Savery, J. R., & Duffy, T. M. (1995). Problem-Based learning: An instructional model and its constructivist framework. *Educational technology*, 35(5), p. 1-17.
- Schmidt, H. G. (1983). Problem-based learning: Rationale and description. *Medical education*, 17(1), 11-16.
- Siriwardane, H. P., Low, K. Y., & Blietz, D. (2015). Making entry-level accountants better communicators: A Singapore-based study of communication tasks, skills, and attributes. *Journal of Accounting Education*, 33(4), 332-347.
- Soares, M. A. (2008). *Aplicação do método de ensino Problem-Based Learning (PBL) no curso de Ciências Contábeis: um estudo empírico*. (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP, Brasil.
- Sockalingam, N., & Schmidt, H. G. (2011). Characteristics of problems for problem-based learning: the students' perspective. *Interdisciplinary Journal of Problem-based Learning*, 5(1), 6-33.
- Stanley, T., & Marsden, S. (2012). Problem-based learning: does accounting education need it? *Journal of Accounting Education*, 30, 267-289.
- Tan, O. S. (2003). *Problem-based learning innovation: Using problems to power learning in the 21st century*. Thompson.
- Wilkin, C.L. (2014), Enhancing the AIS curriculum: integration of a research-led, problem-based learning task, *Journal of Accounting Education*, 32(2), 185-199.
- Wilkin, C.L. (2017), Enhancing critical thinking: accounting students' perceptions. *Education + Training*, 59 (1), 15-30.
- Wood, D. F. (2003). ABC of learning and teaching in medicine: problem-based learning. *British Medical Journal*, 326(7384), 328-330.
- Yin, R. K. (2010), *Estudo de Caso: planejamento e métodos*. 4. ed. Porto Alegre: Bookman.